

FONTE : Arquivo Brasileiro

CLASS. : 58

DATA : 23 10 91

PG. : 07

Operação Roosevelt-Rondon

Sérgio Porto da Luz

—Estamos entrando numa era de paz e sinceridade, segundo os sonhadores que crêem nisso e aceitam o congelamento do status quo mundial, dando-se aos ricos o que é dos ricos e aos pobres o que é dos pobres.

Por exemplo, os pobres têm o direito de prestar contas aos ricos de seus problemas internos e de como suas soluções interferem com os interesses dos ricos. Os pobres podem servir de campo de experiência para testar remédios novos, podem oferecer grupos de indígenas para se desenvolver teses de mestrado e doutorado em antropologia pré-colombiana, podem abrir seus espaços territoriais para excursões e incursões de pesquisadores e aventureiros scholars tipo Indiana Jones, podem concordar com todas as sugestões e imposições que se lhes façam os de cultura superior, cabendo aos peles-morenas ficar contentes com a oportunidade de servirem de carregadores e guias no próprio hinterland e de serem copiadores do consumo trazido pela comunicação da mídia dos satélites e de serem consumidores de produtos sensoriais de tecnologia já obsoleta, nos países de origem.

Em 1914 o aventureiro presidente Theodore Roosevelt conseguiu realizar, acompanhando o coronel Cândido Mariano Rondon, a excitante aventura de descer o rio da Dúvida até o Aripuanã, em Mato Grosso, e locais aonde já foram, nas cheias, os navios-patrolha da Flotilha do Amazonas, que levam a presença do Estado tão longe quanto possível, pela rede fluvial da Amazônia.

Em 1926 esse roteiro teria sido feito pelo comandante britânico George Dyott, contratado pela Associação Theodore Roosevelt, a fim de confirmar a veracidade, que era posta em dúvida na Europa, do relato do próprio Roosevelt no livro *Through the Brazilian Wilderness*. Não há registro do comportamento da expedição

liderada pelo britânico e nem de seus contatos com os índios habitantes daquelas áreas, onde hoje ainda há 13 reservas indígenas, a saber: Pirineus de Souza, Nambiquara, Saleimã, Roosevelt, Sete de Setembro, Zoró, Tupi do Madeirinha, Kawanid, Tenhárim, Igarapé Preto, Mura da Ponta, Natal e Aripuanã.

Agora, na antevéspera da conferência do Rio de Janeiro sobre meio ambiente e desenvolvimento, chamada Rio-92, aparece proposta de entidades estrangeiras, as Organizações Não-Governamentais (ONG) National Wildlife Federation e Theodore Roosevelt Association, além do Museu Americano de História Natural, avaliando pedido de nova expedição no interior do País, a *project of New Century Conservation Trust, Inc.*, que faria depois um livro e filmes da aventura ecológica, retendo suas rendas, naturalmente, para projetos no hinterland brasileiro, o qual precisa ser bem conhecido de todo o planeta etc. etc.

Essa expedição seria composta, predominantemente, por pesquisadores e peritos estrangeiros da New Century Conservation Trust Incorporated, sendo os serviços gerais e conexos realizados por brasileiros, pretendendo-se o apoio logístico e facilidades do Estado brasileiro para a expedição, mediante ações de elementos adequados. Não descarto a possibilidade de se pretender montar um esquema de suprimento aéreo, a ser provido por aeronaves da FAB e lançamento de cargas por pára-quedas para os novos Indiana Jones do fim do século, travestidos em ecologistas e avaliadores da biodiversidade do interior recomposto pelo tempo e que pretendem redescobrir.

Muito se tem falado em ecologia, na Rio-92, na necessidade de se incrementar uma política de meio ambiente e de proteção à flora e à fauna do planeta Terra, ou de Gaia, como dizem os ambientalistas da Gaia Foundation de Londres, ou da Fundação

Gaia de Porto Alegre, do sr. José Luiz Lutzenberger.

A proposta-oferta da New Century Conservation Trust Incorporated, endossada pela National Wildlife Federation, pela Theodore Roosevelt Association e pelo Museu Americano de História Natural, de ser feita essa *reviagem* pelos rios da Dúvida e Aripuanã, no Mato Grosso, a partir de Vilhena, com chegada ao Madeira, repetindo trajeto do inexcusável indigenista Cândido Rondon (Morrer se necessário for, matar nunca), que a realizou em 1914, acompanhado de comitiva com a presença do aventureiro presidente do Estados Unidos Theodore Roosevelt, é um evento que requer meditação.

Somos um país com muitas carências, onde as necessidades nacionais suplantam as disponibilidades. As ofertas de boa-fé são, portanto, liminarmente bem-vindas, como a dessas ONG. O interesse científico, já que a ciência, no discurso dos sonhadores, é um patrimônio comum da humanidade, é uma coisa a ser preservada. Resta a nós, mais realistas, a dúvida sobre se a tecnologia, filha da ciência, também não o seria; ficamos a nos indagar por que nos submetem os países do Primeiro Mundo a um *apartheid* tecnológico que dificulta nosso progresso.

Todas as pessoas de bom-senso concordam que é preciso preservar as espécies e, dentre elas, a espécie homem, o animal principal, o qual, no nosso País, anda muito sofrido e desesperançado com o que está aí. Precisamos dos recursos para o País; podem enviar: nós cuidaremos de nossas pesquisas e *hinterland* segundo nossas prioridades, com nossos pesquisadores e peritos. Depois disso, levaremos as conclusões para conhecimento do planeta na Rio-92, se for o caso. Podem confiar.

■ Sérgio Porto da Luz é oficial de Marinha e especialista em política e estratégia brasileiras